

JORNAL DO BEBÊ: SURPRESA!

2ª EDIÇÃO



IX Seminário Internacional Transdisciplinar Sobre o Bebê

O Instituto Langage convida você para participar do IX Seminário Internacional Transdisciplinar sobre Bebê. O evento acontecerá de forma presencial no Hôpital Pitié Salpêtrière - Tenon e on-line via zoom, nos dias **2, 3 e 4** de julho de 2025. Haverá tradução consecutiva durante todo o evento.

A IX edição do Seminário voltado para o Bebê mantém a perspectiva transdisciplinar e nosso convite ao diálogo, uma iniciativa que se fortalece a cada novo encontro, promovendo novas parcerias e fazendo novas interlocuções.



NESTA EDIÇÃO

BEBÊ NA EDUCAÇÃO

**O choro do
bebê**

#FICAADICA

**Os
Saltimbancos**

O BEBÊ E AS TECNOLOGIAS
ATUAIS

**O uso de inteligência
artificial nas técnicas
de reprodução
assistida**

ENTREVISTA

**Entrevista
com Carolina
Fedatto**



Design criado e elaborado por

Daniel Santos, Flávia Oliveira, Ludmila Tavares e Maria Clara Tomé



NOTA EDITORIAL

Sejam todas as pessoas bem-vindas ao jornal do “Bebê: Surpresa”, uma publicação do Grupo de Trabalho da Clínica Psicanalítica do Bebê, do Instituto Langage, criado para difundir informações atualizadas e verificadas sobre o universo dos bebês. Em um mundo inundado por conteúdos repetitivos nas redes, nos propomos a ir além do óbvio, oferecendo conteúdos atuais, reportagens interessantes e histórias que iluminam os múltiplos saberes dos bebês.

Nosso compromisso é com a veracidade e a inovação, trazendo temas que dialogam tanto com especialistas quanto com pais e cuidadores, numa perspectiva transdisciplinar. Aqui, cada página é uma surpresa, uma oportunidade de descobrir o bebê no mundo contemporâneo.

“Bebê: Surpresa”: porque cada bebê é uma história única a ser contada.

Editoras responsáveis:

Erika Parlato-Oliveira

Andrea Lauermann

ENTREVISTA COM CAROLINA FEDATTO

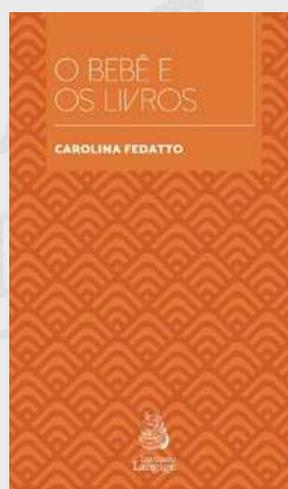


Carolina Fedatto é Bacharel, mestre e doutora em Linguística pela Unicamp. Idealizadora da Cria Coletiva e membro da coordenação e da equipe editorial do Instituto Emília.

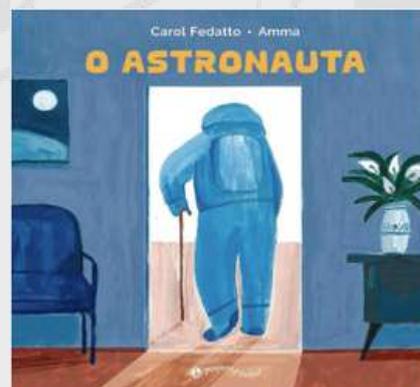
[Acesse aqui o Currículo completo](#)

[Acesse aqui o Currículo Lattes](#)

Livros da autora



O Bebê e os Livros
Instituto Langage, 2024



O Astronauta
Pequena Zahar, 2024.

Destacamos nesta seção duas questões respondidas pela nossa entrevistada, Carolina Fedatto. A entrevista completa poderá ser acessada pelo QR-Code disponibilizado abaixo.



Por Fabiana Oliveira



 **Entrevistadora**

Gostaria de trazer uma discussão presente na sua obra denominada o “O bebê e os livros”, publicada pela Editora do Instituto Langage, quando você nos leva a refletir que “os livros são bons para os bebês” e, a partir disso, você leva o leitor a desconstruir algumas ideias sobre os bebês de que pode ser “cedo demais” para lhes apresentar um livro ou a ideia de que “eles não entendem”. Se você puder comentar sobre essas ideias.

 *Carolina Fedatto*

Essa ideia de que os livros são bons para bebês, eu aprendi com a Marie Bonafé, que acho que foi uma das precursoras de apresentar livros para bebês. Então, na França, mais ou menos nos anos 70/80, um grupo de psicanalistas, de psicólogos, tiveram essa brilhante ideia de apresentar livros para cuidar do vínculo dos pais com os filhos e não pensando somente na alfabetização. Então, essa ideia de que os livros são bons para os bebês é porque a gente está apresentando uma série de coisas com os livros. A gente está apresentando algo da ordem da cultura, a gente está apresentando um objeto cultural e está, muitas vezes, aproximando um adulto que não sabe o que fazer com esse bebê, então, o livro funciona como esse objeto que vai ligar o bebê, o adulto e algo da cultura, por isso que eles são bons para os bebês.

Há um outro aspecto também considerando que a gente já tem que fazer tanta coisa com o bebê, pois tudo é tão inaugural para ele como os cuidados relacionados à trocar a fralda, limpar, lavar, as sonecas, tem um monte de coisa que a gente precisa fazer e acho que o livro não pode chegar como mais uma tarefa. Ele tem que ser algo que vai estar ali nessa circulação de afeto, na importância que a linguagem vai ter para a constituição subjetiva daquele bebê.

E a gente falar com o bebê só com a linguagem do cotidiano, que a gente em geral fala com o bebê: “agora eu vou te trocar, a gente vai tomar banho, me dá esse pezinho, vamos comer, é hora de mamar”. A gente fala com essa linguagem injuntiva do cotidiano. Mas quando é que a gente apresenta a linguagem poética da literatura? Quando é que a gente apresenta ritmo, poesia, sonoridade? O bebê presta atenção na música da língua e é isso que a gente está oferecendo. Esse é o maior entendimento que o bebê pode ter. Um bom livro, quando a gente lança mão da literatura, a gente vai ler histórias que foram pensadas, que tem palavras que a gente não usa no cotidiano. Que tem rima, que tem sentido, e o bebê vai se vincular muito a isso, a essa sonoridade, então, para além de um entendimento daquilo que é esperado, o bebê entende coisas.

Todo mundo precisa de ficção. Ninguém passa um dia na vida sem contar uma história. E cada vez mais a gente precisa brigar, principalmente em relação às crianças, de acreditar que a gente pode oferecer bons livros, livros de qualidade, livros bonitos.

 **Entrevistadora**

A partir dessa reflexão que você nos apresentou, vou associar com outras duas questões também a partir da sua obra “Os bebês e os livros”. Gostaria que você comentasse sobre o livro enquanto um objeto relacional carregado de cultura e valores e as possibilidades de utilizá-lo para além de uma perspectiva puramente didática que você chamou de “leiturados” e também a ideia de uma casa imaginária que estará presente na memória desta criança e na constituição do seu mundo interno.

 *Carolina Fedatto*

Foi uma coisa que eu aprendi com a Maria Emília Lopes, que é diretora da creche da Universidade de Buenos Aires, e lá na Argentina eles recebem bebês a partir de 15 dias, porque as mães já precisam voltar a trabalhar, então, as mães deixam seus bebês nas creches muito pequenininhos, e, a partir disso, Maria Emília desenvolveu esse trabalho com a presença do livro, com a presença da literatura, porque o livro é um objeto que circula tanto na escola quanto em casa. Então, aquilo que vai vincular aquele bebê, aquela criança tão pequenininha com a professora, com a educadora na escola, também vai estar presente em casa e vai ajudando a criança. Então, Maria Emília Lopes que cria esse neologismo, “leiturar”, que é uma mistura de ler com amar. É isso que a gente faz com uma criança pequena, a gente não está ensinando. alfabetizando. A gente não está ensinando moral e bons costumes. A gente está envolvendo essa criança num vínculo, numa relação de afeto e fazendo com que ela participe desse circuito de troca entre a casa e a escola. A gente perde muito quando olha para o livro somente como objeto pedagógico. Tem muita coisa que acontece ali da ordem da subjetividade, da construção do psiquismo. Essa metáfora da leitura como a construção de uma casa imaginária, ela vem de uma outra pesquisadora, escritora muito importante no campo da leitura que é a Yolanda Reys.

Ela escreveu um livro com esse título: “A Casa Imaginária”. E eu acho que cada vez mais a gente precisa lutar pelo poder da ficção, para as crianças e para os adultos também, para todos nós entendermos que tem alguma coisa que a gente constrói que é no âmbito da imaginação, que não precisa ter uma relação com a vida real. Uma sereia montada num cavalo que bate na casa das crianças. Eu posso inventar coisas. E a gente mostrar isso para as crianças desde sempre ajuda não só a construir o psiquismo, o seu mundo interior, como a construir também aquilo que não existe.

“E eu acho que essa pergunta todo mundo deveria se fazer. Como é que a gente começou a se relacionar com a leitura, com o livro, com a palavra? E quando a gente pega isso na memória, muitas pessoas talvez tenham a lembrança da mãe ou de uma professora”.

O mais importante é um adulto investido. O que se transmite é o encantamento do adulto no livro. Acho que isso é o fundamental. Então, nesse sentido, pode ser um encarte de supermercado. Um adulto investido pode ler poeticamente qualquer material.

Ajuda as crianças a inventarem, a pensarem num mundo diferente desse que a gente veio. Não só a responder as perguntas. Tem um exemplo que aconteceu comigo e com a minha filha, quando ela era bem pequenininha, ela devia ter cerca de 3 anos. E eu estava lendo um livro que tem um pai e um filho: o pai urso e o filho ursinho. E, ao longo do livro esse ursinho vai crescendo e num determinado momento ela apontou o ursinho e falou assim: “quem que é esse aqui?” Eu entendi que ela estava perguntando qual era a relação do pequenininho com o grandão. E então eu respondi que aquele era o filho do urso, que ele vai crescer e vai ficar grandão igual o papai. Foi então que ela botou o dedinho no ursinho pequenininho e falou assim: “esse aqui mamãe não vai crescer”. O que ela está me dizendo com disso? Que ela já tinha entendido que aquele ursinho do livro não iria crescer, que aquilo estava no âmbito da ficção. O urso de verdade cresce, as crianças de verdade crescem, mas aquele ali era fantasia. Então a gente conseguir separar realidade de ficção. A ficção é uma preparação também para a gente depois na vida adulta saber diferenciar uma notícia falsa de uma notícia verdadeira. Saber transitar nessa relação entre o real e o imaginário. Eu acho que é importante que a gente invente nossa realidade e não só acredite nessa que já está dada.

SAIBA MAIS

INSTITUTO EMÍLIA



CRIA COLETIVA



O BEBÊ E OS LIVROS



O ASTRONAUTA



BONNAFÉ, Marie. (1994). **Les livres, c'est bon pour les bébes**. Paris: Arthème Fayard/Pluriel, 2011.

FEDATTO, Carolina. **Os livros chegaram: cartas sobre a transmissão da literatura**. Trabalho de Conclusão de Curso. Pós-Graduação O Livro para a Infância. Casa Tombada, 2022. Disponível em: <https://acasatombada.com.br/artigos-e-tccs/os-livros-que-chegaram-cartas-sobre-a-transmissao-da-literatura-2/>

LOPES, Maria Emília. **Um mundo aberto: cultura e primeira infância**. São Paulo: Selo Emília, 2018.

REYS, Yolanda. **A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância**. São Paulo: Global, 2010.

BEBÊ NA EDUCAÇÃO

O CHORO DO BEBÊ

Choro! Quando um bebê chora, muitas vezes convoca o outro bebê a chorar. E, conseqüentemente, vira uma sinfonia de choro, uns graves e uns agudos. Desorganizador, desesperador, talvez. Ou se acostuma e se torna indiferente a esta sinfonia. O que faz este bebê chorar? O que ele nos diz quando chora? O que escutamos quando um bebê chora?

Consideramos que falar sobre o choro do bebê se faz importante e pertinente para refletirmos sobre esta linguagem do bebê no berçário, enfatizando a importância da postura e da ação da professora diante do choro do bebê. Entendemos o choro como linguagem, uma das formas da linguagem, que é multimodal.

De acordo com Carmo e Parlato-Oliveira (2023) o choro, em sendo uma linguagem do bebê, é uma forma deste se relacionar com os outros que estão ao seu redor. A partir do choro o bebê se comunica com o outro, podendo convocar as pessoas para que se aproximem dele para lhe dar atenção e possivelmente fazerem trocas comunicativas e afetivas.

Como nos ensina a pesquisadora Parlato-Oliveira (2022),

O bebê vai construindo seu repertório de brincadeiras, experiências e vivências, ampliando seu repertório afetivo, desenvolvendo autonomia, conseguindo resolver situações sozinho etc.

O choro, então, é cheio de sentido. No entanto, essa linguagem nem sempre é escutada. Muitas vezes, as respostas ao choro são automáticas: oferecer uma mamadeira, distrair com um brinquedo, buscar silenciá-lo.

Neste sentido, segundo as pesquisadoras Carmo e Parlato-Oliveira (2023) para além de uma necessidade orgânica e fisiológica, expressa pelo bebê de: fome, frio, dor etc, **este choro também pode exprimir emoções e sentimentos de: raiva, cólera e insatisfação**. São diversas as formas que este choro pode assumir enquanto uma forma de expressão do bebê.

Por Carolina do Carmo, Cleide Vitor, Fabiana Oliveira e Maria Clara Tomé



Desta forma para Pantalena (2010) na creche, o choro não acolhido, não é significado, cabendo ao bebê elaborar a situação por si mesmo. A professora não atua como continente, nem como recipiente. Se o choro fosse entendido como comunicação da criança, favoreceria a relação professora-bebê. Ignorar o choro ou reduzi-lo a “manha” ou “birra” é uma forma de silenciar esse sujeito. É não reconhecer sua potência expressiva.

Carmo e Parlato-Oliveira (2023) nos dizem então do desafio de escutar este choro visando compreender o seu significado e de como esta busca por esta compreensão aproxima o adulto, o cuidador deste bebê. As pesquisadoras nos dizem do estabelecimento de uma conexão necessária entre o bebê que chora e o seu cuidador, mas também, não deixam de considerar toda a complexidade e o desafio que é trilhar esta busca a cada vez que o bebê chora num movimento de reconhecimento deste sujeito na sua singularidade.

Para saber mais sugerimos fazer a leitura dos artigos presentes nas nossas referências.

Referências

CARMO, C. F. & PARLATO-OLIVEIRA, E. **Bébé em colère: que dit il? Dans Spirale** 2023/4 (N° 108) 2023/4 (N° 108), pages 48 à 53. Éditions Érès.

MARQUES, F. P. C. & LUZ, I. R. da. **O choro dos bebês e a docência na creche.** *Educação em Revista*, Belo Horizonte. v.38. p. 01-21. 2022.

O desafio que se coloca à Educação Infantil é esse: estar disponível, física e emocionalmente, para decifrar e responder a essa linguagem tão singular. Marques e Luz (2022) nos apontam a importância das profissionais da creche se colocarem em posição de reflexão e questionamento sobre suas interações quando os bebês choram. Tal posicionamento contribui assim para a problematização de suas rotinas que influenciam diretamente no modo como as respostas ao choro do bebê buscam ser respondidas, bem como, a contribuição para a construção de uma prática pedagógica que possa se aproximar dos bebês, observá-los, escutá-los e respondê-los de forma significativa.

Como professoras ou responsáveis pelo bebê, somos convocados a escutar com o corpo, com o olhar, com a escuta que sustenta. Podemos dizer que escutar o choro é dar voz ao bebê enquanto sujeito linguageiro.

“Escutar o choro é dar voz ao bebê enquanto sujeito linguageiro.”

#FICAADICA

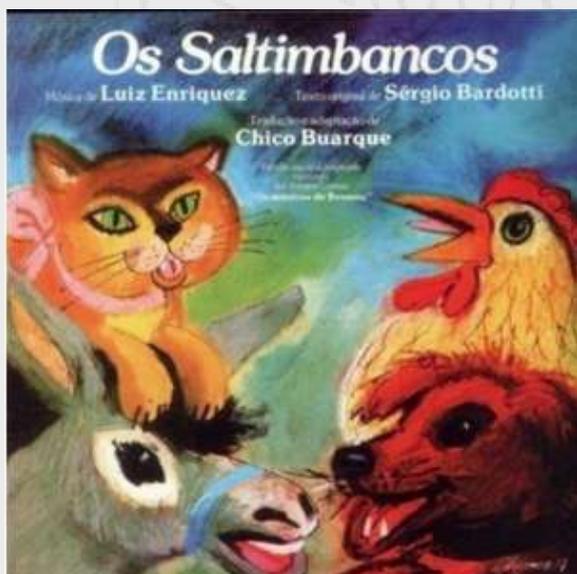
OS SALTIMBANCOS

Os Saltimbancos, disco adaptado por Chico Buarque a partir do musical italiano I Musicanti, tornou-se, no Brasil, um clássico atemporal e atual para os bebês.

O bebê é sensível à sonoridade e, portanto, a música pode ser um dos canais fundamentais para uma experiência fundadora da linguagem.

Para os bebês, o som das palavras cantadas, a cadência rítmica e a repetição são caminhos privilegiados de escuta e diversão.

As canções envolventes trazem personagens simbólicos e animais, como o jumento, a galinha, o cachorro e a gata, além de abordar temas como amizade, cooperação e resistência à opressão de forma lúdica, simples e extremamente potente.



Capa do álbum "Os Saltimbancos"

Compartilhar essas músicas com os bebês é proporcionar uma experiência afetiva e sensorial, pois as melodias despertam o corpo e todos os seus sentidos.

Esta obra reconhece e oferece outras formas de linguagem, com tom, com voz, com ritmo, rimas e emoção, afinal "... Todos juntos somos fortes..."

[Acesse aqui o disco completo:](#)



Por Andrea Lauermann e Jucimara Nascimento



CALENDÁRIO DE CONSCIENTIZAÇÃO

DIA MUNDIAL DA CONSCIENTIZAÇÃO DO AUTISMO

02 DE ABRIL

O Dia Mundial de Conscientização do Autismo, celebrado em 2 de abril, é uma oportunidade para promover o respeito às diferenças individuais e ampliar a compreensão sobre o transtorno do espectro autista.

Saiba mais: <https://www.institutolangage.com.br/produto/musica-e-autismo-ideias-em-contraponto/>



DIA MUNDIAL DE COMBATE À MENINGITE

24 DE ABRIL

A meningite é uma inflamação grave das membranas que envolvem o cérebro e a medula espinhal, e pode atingir os bebês de forma rápida e silenciosa. Por isso, é fundamental manter o calendário vacinal sempre atualizado. A prevenção é a maior aliada do cuidado.

Saiba mais: <https://bvsmms.saude.gov.br/24-4-dia-mundial-da-meningite-derrotar-a-meningite/>



MAIO FURTACOR SAÚDE MENTAL MATERNA

A chegada de um bebê traz consigo experiências repletas de novidades, ambivalências, desejos, perdas e reinvenções de si. O Maio Furtacor propõe um olhar que reconhece a complexidade dessa experiência: não como um ideal de completude ou instinto natural, mas como um processo subjetivo em construção, atravessado pela história de cada mulher.

Saiba mais: <https://www.saude.df.gov.br/w/maio-furta-cor-alerta-para-cuidados-com-a-sa%C3%BAdem-mental-na-maternidade>

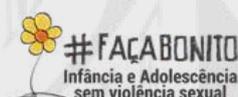


DIA NACIONAL DE COMBATE AO ABUSO E À EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

18 DE MAIO

Em 2025 registra-se o 25º ano de mobilização do 18 de Maio, “Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes”. Instituída pela Lei Federal 9.970/00, assim foi oficializada a necessidade de ações contínuas e coordenadas para proteger crianças e adolescentes da violência sexual.

Saiba mais: <https://www.facabonito.org>



DIA NACIONAL DE REDUÇÃO DA MORTALIDADE MATERNA

28 DE MAIO

Esta data pretende chamar atenção sobre as mortes de mulheres durante a gestação, o parto e o pós-parto, que poderiam ser evitadas com acesso a cuidados adequados, escuta qualificada e políticas públicas comprometidas com a vida das mulheres.

Saiba mais: <https://bvsmms.saude.gov.br/28-5-dia-nacional-de-reducao-da-mortalidade-materna/>



Por Andrea Lauermann, Beatriz Chebel e Carolina do Carmo



DIA DA IMUNIZAÇÃO

28 DE MAIO

As vacinas protegem os bebês contra doenças graves e contribuem para um crescimento mais seguro. A imunização é um ato de cuidado e responsabilidade, não só com a criança, mas com toda a comunidade. Seguir o calendário vacinal é uma forma de proteção e responsabilidade social.

Saiba mais: <https://bvsmms.saude.gov.br/09-6-dia-da-imunizacao/>

09 de Junho Dia Nacional da Imunização



DIA NACIONAL DO TESTE DO PEZINHO

06 DE JUNHO

Um simples furinho no calcanhar do bebê, feito entre o 3º e o 5º dia de vida, detecta precocemente mais de 50 doenças genéticas, metabólicas e infecciosas, é gratuito pelo SUS e obrigatório em todo o Brasil. O teste permite que tratamentos sejam iniciados antes mesmo que os sintomas apareçam, garantindo mais saúde e qualidade de vida para o bebê.

Saiba mais: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/teste-do-pezinho-agora-detecta-mais-de-50-doencas>



Imagem gerada por IA

DIA MUNDIAL DE LUTA CONTRA O TRABALHO INFANTIL

12 DE JUNHO

O Dia Mundial de Luta contra o Trabalho Infantil foi instituído pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 2002, com o objetivo de alertar sobre a exploração infantil e promover a erradicação do trabalho precoce, que priva as crianças de suas infâncias e de seu potencial de desenvolvimento.

Saiba mais: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/12-de-junho-dia-mundial-contra-o-trabalho-infantil>



12 de Junho
Dia Mundial contra
o Trabalho Infantil

DIA DA VACINA BCG

01 DE JULHO

A vacina BCG é aplicada ainda na maternidade, geralmente nas primeiras 12 horas de vida do bebê. Ela protege contra as formas graves da tuberculose, como a meningite tuberculosa e a tuberculose miliar. Mais do que uma proteção individual, a BCG é um gesto de cuidado coletivo, que marca simbolicamente o início da trajetória de imunização na vida do bebê.

Saiba mais: <https://bvsmms.saude.gov.br/01-7-dia-da-vacina-bcg-4/>



Imagem gerada por IA

DIA DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA)

13 DE JULHO

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), criado em 1990, foi um marco histórico na garantia de direitos das infâncias no Brasil. Ele afirma que toda criança, desde o nascimento, tem direito à vida, à saúde, à proteção e ao desenvolvimento integral. Ao celebrarmos o ECA, reafirmamos o compromisso com uma infância segura, protegida e respeitada – especialmente nos primeiros anos de vida, quando o cuidado e o afeto são fundamentais para a construção de futuros possíveis.

Saiba mais: <https://bvsmms.saude.gov.br/13-07-dia-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente/>

13/7 DIA DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE



Imagem gerada por IA

O BEBÊ E AS TECNOLOGIAS ATUAIS

O USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NAS TÉCNICAS DE REPRODUÇÃO ASSISTIDA

A inteligência artificial (IA) tem se destacado como uma aliada nas técnicas de reprodução assistida, especialmente na fertilização in vitro (FIV), transformando a seleção de embriões, análise de gametas e decisões clínicas.

IA na seleção embrionária:

Algoritmos analisam grandes volumes de dados para prever com mais precisão a viabilidade e qualidade dos embriões, com base em critérios objetivos como velocidade de crescimento e possíveis anormalidades cromossômicas. Isso reduz a subjetividade da avaliação tradicional e aumenta as chances de sucesso.

Análise de gametas e otimização de processos:

A IA melhora a seleção de espermatozoides e acompanha o desenvolvimento embrionário em tempo real, com classificação mais precisa do score embrionário. Essa precisão facilita a comunicação entre clínica, laboratório e paciente.

Previsibilidade nos tratamentos:

A tecnologia auxilia na escolha do momento ideal para a recuperação dos oócitos, a partir da análise de variáveis como níveis hormonais e características dos folículos, otimizando os ciclos de FIV para profissionais e pacientes

Por Caroline Lucirio e Marcela Miranda



Nasce primeiro bebê concebido por um robô que injeta espermatozoides: máquina opera com IA ou manualmente; entenda

Artefato tecnológico realiza 23 etapas para completar técnica de reprodução assistida

Por O Globo — Rio de Janeiro

Fonte: Matéria publicada em jornal O Globo

Nasce o primeiro bebê de fertilização in vitro feita por máquina baseada em IA

Procedimento foi desenvolvido por cientistas a fim de otimizar a técnica de fertilização, que exige 23 etapas, diminuindo as chances de erros humanos graves; entenda

Por Arthur Almeida

Fonte: Matéria publicada em revista Galileu

A inteligência artificial tem trazido avanços relevantes na reprodução assistida, mas é fundamental considerar suas implicações bioéticas

A inteligência artificial tem trazido avanços relevantes na reprodução assistida, mas é fundamental considerar suas implicações bioéticas – como a autonomia dos pacientes, a privacidade dos dados e os critérios de seleção embrionária. É preciso atentar-se a uma conduta crítica e ética diante dos discursos que apresentam as tecnologias como soluções ou garantias, reconhecendo seus limites, visto que, a IA não controla as variáveis subjetivas e imprevisíveis que atravessam a experiência da concepção de um bebê.

Os avanços tecnológicos têm ampliado as possibilidades no campo das configurações familiares, neste sentido, *a IA não é apenas inovação científica – é também uma ferramenta que acompanha e legitima a pluralidade das experiências na contemporaneidade, abrindo espaço para novas formas de viver e reinventar a parentalidade.*

SAIBA MAIS

MATÉRIA COMPLETA
REVISTA GALILEU



MATÉRIA COMPLETA
JORNAL O GLOBO



UM BEBÊ SURPREENDENTE



Esse é o Pietro, ele tem 6 meses e está se deliciando com a leitura da “1ª Edição do Jornal do Bebê: Surpresa!” através do tablet, acompanhado da sua mãe, Marcela.

Como está sendo a leitura do jornal com os bebês por aí? Queremos saber!



Envie uma foto ou vídeo através do link para a próxima edição do jornal.



NOSSA EQUIPE

O Jornal do Bebê: Surpresa! reúne hoje 15 profissionais de diferentes áreas entre odontologia, psicologia, fonoaudiologia, pedagogia, linguística e psicanálise. Todos são membros do Grupo de Trabalho Psicanálise e a Clínica do Bebê do Instituto Languae, coordenado e supervisionado por Erika Parlato-Oliveira.



Erika Parlato-Oliveira

Pós-doutorada em psiquiatria infantil na Universidade Pierre et Marie Curie - Hospital Pitié Salpêtrière - Paris. Mulher Cientista do Ano - 2022, prêmio concedido pela Câmara dos Deputados. São Paulo. Foi um bebê curioso.



Andrea Lauermann

Fonoaudióloga. Doutoranda em Ciências da Saúde (UNITAU). Coordenadora da Clínica do Instituto Languae. São Paulo. Foi um bebê quieto.



Beatriz Chebel

Psicóloga. Especialista em Neonatologia pela Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo. São Paulo. Foi um bebê feliz.



Carolina do Carmo

Fonoaudióloga. Pós doutora - Université Paris Cité e Centre d'études du bébé (Babylab) Cerep-Phymyntenin/França. Minas Gerais. Foi um bebê ativo.



Caroline Lucirio

Psicóloga. Pós-graduada em Psicologia Clínica, especialista em Psicanálise, Perinatalidade e Parentalidade. Foi um bebê sorridente.



Clara Powaczruk

Graduada em psicologia. Rio Grande do Sul. Foi um bebê emotivo.



Cleide Vitor

Pós-doutorado em Psicologia (USP) e Psicanálise (UFPPB). Paraná. Foi um bebê chorão.



Daniel Santos

Psicólogo. Pós-graduando em Neuropsicopedagogia pela FAP. Paraná. Foi um bebê explorador.



Fabiana Oliveira

Em formação Psicanalítica. Pós-Doutora em Educação pela FFCLRP-USP. Minas Gerais. Foi um bebê sereno.



Flávia Oliveira

Graduada em Psicologia pela Universidade Estácio. Rio de Janeiro. Foi um bebê contestador.



Jucimara Nascimento

Graduada em Psicologia pela UFBA. Bahia. Foi um bebê sorridente.



Ludmila Tavares

Odontóloga. Consultora Internacional de lactação IBCLC. São Paulo. Foi um bebê atento.



Maria Clara Tomé

Psicóloga. Especializando em psicologia da educação pela Universidade de Uberaba. Minas Gerais. Foi um bebê observador.



Mariana Negri

Licenciada em letras. Psicóloga. Doutoranda em Música (UFMG), em cotutela na Université Paris-Cité. São Paulo. Foi um bebê exigente.



Marcela Miranda

Graduada em Psicologia. Especialista em Psicanálise da criança e adolescente. Curitiba. Foi um bebê explorador



Instituto
Langage

*Para receber atualizações via e-mail
do Jornal do Bebê: Surpresa!*

